

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Alunas: Mariana de Camargo Ceccon e Marina Yoshimi Rodrigues Mori

Professor: José Carlos Fernandes

TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: LUTA POR RESPEITO NAS SALAS DE AULA

CURITIBA/PARANÁ

2013

TEMA

Há fortes indícios de que o baixo índice de escolarização entre travestis e transexuais esteja relacionado ao *bullying* sofrido na escola. Se para os homossexuais a rotina escolar já tende a ser traumatizante, imagine para as *transex*.

Em depoimentos facilmente encontráveis, as travestis e transexuais costumam relatar a incompreensão sofrida por parte de professores e colegas, em particular quando começa a fase de transição, momento em que o adolescente adota o traje masculino ou feminino e deixa de encenar uma sexualidade que não é a sua. Fora da escola muito cedo, esse grupo tem uma relação frágil no mercado de trabalho, se vendo vulnerável à exploração sexual, alvo do tráfico de drogas, etc. Segundo o Grupo Gay da Bahia, foram documentados 128 assassinatos de travestis no Brasil, em 2012.

Este trágico cenário é cotidiano para milhares de *transex* nas capitais brasileiras. Curitiba, uma das três capitais com o maior Ideb e que constantemente ocupa as primeiras posições no ranking de cidades com as maiores notas no Enem, não foge do deste cenário. **Como a capital considerada referência em educação não consegue manter alunas *transex* dentro de suas salas de aula?**

JUSTIFICATIVA

O uso do nome social nas chamadas escolares, através do projeto de lei 812/2011, gradualmente começa a aparecer na imprensa. Mas esta é apenas uma parcela da luta que estes grupos travam para que seus direitos sejam reconhecidos e respeitados. Muitas travestis alegam que professores não acatam o uso do nome social, um indício de que números oficiais camuflam o preconceito como o maior culpado pelo abandono escolar.

O *bullying* para com esse grupo vai além da agressão verbal. Passa pelo uso do banheiro, pela constante provação de masculinidade nos esportes coletivos, pela aula de biologia, etc. O que acontece quando um jovem experimenta um grau de rejeição tão grande?

Em depoimentos disponíveis no relatório *Escola sem Homofobia*, da Reprolatina, professores dão depoimentos sobre o caso do uso do banheiro. “*Os pais não querem a filha deles junto com travesti no banheiro*”. Associadas a rejeição, foram sugeridas alternativas como um terceiro banheiro para travestis ou o uso do banheiro dos meninos, já que “*ele usa o banheiro masculino, que é o banheiro deles*”.

A reportagem deverá investigar porque os projetos pedagógicos e políticas públicas (*Brasil sem Homofobia*), voltadas para o acolhimento da diversidade sexual,

não estão mantendo os jovens *transex* dentro do colégio. Como sequer o discurso politicamente correto alivia a pressão do convívio social das travestis com outros estudantes? Por que as *transex* não conseguem ser acolhidas na cidade que é sinônimo de qualidade no ensino e são empurradas para a marginalidade?

Depoimentos, dados e estudos de casos de *transex* que abandonaram a escola por despreparo da rede de educação ou hostilização de colegas, farão parte de uma investigação que contará com profissionais da área de educação e comportamental, além da participação do Grupo Dignidade (ONG curitibana que defende a cidadania LGBT).

Além das entrevistas, a matéria deverá fazer um amplo cruzamento de dados, no formato de observatório, sendo este o maior desafio de execução e um dos motivos para a escolha do tema. A reportagem deverá dar conta, por exemplo, de números oferecidos por delegacias de polícia, Secretarias de Educação, Centro Paranaense de Cidadania e cruzá-los com dissertações de mestrado de psicoterapeutas e educadores, além dos números levantados pelo Centro de Documentação e Pesquisa do Grupo Dignidade.

Tendo prévio contato com esse grupo de fontes, optamos por este tema para trazer à tona o dia a dia do adolescente que sofre *bullying* por sua identidade de gênero. Queremos compreender a realidade destas pessoas e mostrá-las à sociedade.

OBJETIVOS

1. Colocar em discussão nacional a situação de violação dos direitos humanos que os grupos *transex* enfrentam nas escolas. Assim, abrir os olhos da população: *bullying* não é apenas quando o estudante é agredido verbalmente.
2. Se a marginalização desse grupo acontece no momento em que as *transex* abandonam a escola, como criar ações que mudem a relação docente-estudante-colegas.
3. Sair da abordagem comum quando se trata de *transex* (matérias sobre cirurgias, prostituição, etc.) Trabalhar com a raiz do problema e não com a violência que acontece depois.

METODOLOGIA

A forma de apresentação da reportagem será pela INTERNET (40 mil caracteres de conteúdo editorial).

Prospecção: O primeiro passo será entrevistar especialistas da área. A presidente do Grupo Dignidade, Rafaelly Wiest e a diretora do Transgrupo Marcela Prado, Carla Amaral, darão seus depoimentos e apresentarão o grupo de jovens ligados ao Dignidade, inclusive a adolescente que será personagem para um diário (etapa de inserção). Elas poderão participar de um ensaio fotográfico dentro de uma escola, referência à memória do *bullying* sofrido em seus anos acadêmicos.

Na área de psicologia, um ping-pong será feito com o representante do Brasil na Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, Josafá da Cunha, que dará orientações aos pais de como saber quando o filho está sofrendo *bullying* e como atuar junto à escola para minimizar o problema.

O psicólogo Amadeu Cruz, a representante da Secretaria de Educação na Divisão da Diversidade Sexual, Daiana Bruneto e a educadora da UFPR, Araci Asinelli, também serão consultados.

Base de dados: Após a definição do cenário, partiremos para o levantamento de dados oficiais e consultas aos centros de documentação das ONGs. Números como evasão escolar do grupo, média de idade em que abandonam a escola, número de *transex* que continuam a estudar, denúncias de *bullying* nas diretorias, inserção no mercado de trabalho, desempenho escolar, entre outros, deverão ser cruzados, no formato de observatório, definindo assim, a ligação direta entre *bullying* e evasão escolar. Os dados serão apresentados em formato de infográfico animado.

Inserção: A etapa final de entrevistas será feita a partir de uma inserção com um adolescente que está passando pelo problema hoje. Protegendo a identidade da fonte, apresentaremos ao público como é o dia a dia desta jovem. Durante 10 dias o repórter acompanhará a *transex* e escreverá um diário que será reproduzido em um infográfico interativo.

Debate: Concluída a fase de cruzamento de dados e inserção, partimos para o confronto de resultados. Produziremos um vídeo, mostrando um bate-papo entre professores da rede pública de ensino, que irão elencar os 7 maiores desafios ao dar aula para *transex*, além de sugestões de como enfrentar o problema.

O resultado final do observatório e da inserção será levado à secretaria de educação de modo a estimular medidas mais eficazes no combate ao *bullying*.